

PREDICAÇÕES AVALIATIVAS REDUZIDAS ENCAIXADAS NO VERBO ACHAR EM DIFERENTES TRADIÇÕES DISCURSIVAS¹²

NON-VERBAL PREDICATIONS EMBEDDED IN THE VERB TO THINK IN DIFFERENT DISCURSIVE TRADITIONS

Ana Caroline de Lima Parreira
Mestre em Estudos Linguísticos³
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
(ana_caroline_lima@hotmail.com)

RESUMO: Este artigo, com base nos pressupostos da Linguística Textual, especificamente no conceito de Tradições Discursivas (KABATEK, 2006) e na diferenciação entre tipos, subtipos e gêneros textuais (MARCUSCHI, 2010); (TRAVAGLIA, 2001, 2002), apresenta um estudo cujo objetivo é investigar se o tipo de texto estaria relacionado à ocorrência de orações avaliativas completivas do verbo achar, como em “eu acho um absurdo essas leis nossa aqui”. A partir da análise de dados de fala colhidos do Banco de dados Iboruna, de responsabilidade do Projeto ALIP (GONÇALVES, 2007), constatou-se que as Tradições Discursivas instauradas em cada texto que compõe o referido bando de dados, incluindo-se aqui até mesmo as perguntas feitas pelos documentadores, constituíram-se como fatores relevantes para ocorrência das orações investigadas. Dentre os tipos de textos analisados, o relato de opinião foi extremamente produtivo para a ocorrência das construções sob análise em virtude do predomínio da Tradição Discursiva dissertação que favorece o emprego desse tipo de predicação cuja função é manifestar uma atitude do falante em relação ao que diz.

Palavras-chave: Orações completivas. Verbo achar. Tradições discursivas.

ABSTRACT: This article, based on assumptions of Textual Linguistics, specifically the concept of Discursive Traditions (KABATEK, 2006) and in the differentiation between types, subtypes and text genres (DEPENDS, 2010); (TRAVAGLIA, 2001, 2002), presented a study whose objective is to investigate whether the kind of text would be linked to the occurrence of the non-verbal predication embedded in the verb to think as in “eu acho um absurdo essas leis nossa aqui”. From the analysis of speech data collected in Iboruna, database of project ALIP (GONÇALVES, 2007), it was found that the Discursive Traditions established in each text that makes up the referenced database, including even the questions asked by the documenters, constituted itself relevant factors for occurrence of the predications investigated. Among the types of text analyzed, the reporting of opinion was extremely productive for the occurrence of the predications because of the predominance of dissertation Discursive Traditions which favors the use of this type of construction whose function is reveal the speaker attitude in relation to what he says.

Keywords: Subordinated sentences. Verb to think. Discursive traditions.

¹ Apoio financeiro da CAPES.

² Esse artigo é resultado de um trabalho final da disciplina “O estudo do texto falado”, ministrada pela Profa. Dra. Clélia C. A. S. Jubran durante o curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UNESP/IBILCE.

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, área Análise Linguística, da UNESP/IBILCE.

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo investigar de que modo o tipo de texto pode influenciar a ocorrência de predicções avaliativas encaixadas no verbo achar, como **eu acho um absurdo essas leis nossa aqui (AC-110)**⁴, em que, em um predicado avaliativo estruturado pelo verbo achar, encaixa-se uma predicção não-verbal reduzida, estruturada por um predicador adjetival avaliativo sem recurso à cópula.

O referencial teórico a ser utilizado está amparado nos estudos da Linguística Textual, especificamente no conceito das Tradições Discursivas (KABATEK, 2006). O conceito de Tradição Discursiva pressupõe a influência das práticas sociais na produção do texto falado, uma vez que na atividade de falar estão envolvidos dois filtros concomitantes, a língua, enquanto sistema léxico-gramatical, e as Tradições Discursivas, entendidas como modos tradicionais de dizer que estabelecem uma historicidade própria aos textos. É a partir dessa concepção que a presente pesquisa procurará determinar em que medida as Tradições Discursivas instauradas pelos textos a serem analisados podem estar relacionadas à ocorrência das predicções não-verbais reduzidas avaliativas completivas do verbo achar (doravante, PNVRA).

A discussão acerca da diferenciação entre tipos, subtipos e gêneros textuais, pautada nos estudos de Marcuschi (2010) e Travaglia (2001, 2002), será relevante para a abordagem correta dos textos sob análise, tendo em vista a confusão existente na aplicação desses conceitos em diversos trabalhos. Por meio dessa discussão, procuraremos definir em que medida os textos que constituem o Banco de dados Iboruna, *corpus* dessa pesquisa, podem ser classificados e caracterizados a partir da tipologia proposta pelos autores.

Para a investigação do fenômeno proposto, foi composta uma subamostra do Banco de dados Iboruna, de responsabilidade do Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), contendo um total de trinta e oito inquéritos, os quais foram submetidos à análise quantitativa, a fim de verificar a frequência de ocorrência das PNVRA nos cinco tipos textuais existentes no referido banco de dados. Procedeu-se

⁴ Ocorrência extraída do Banco de Dados Iboruna, organizado pelo projeto ALIP. (GONÇALVES, 2007)

também a uma análise qualitativa, em que se procurou investigar quais as motivações textuais para a ocorrência desse tipo de predicação nos textos estudados.

Tradições Discursivas

A Linguística Textual, enquanto ciência que busca investigar os processos de construção do texto, apresentou, ao longo do século XX, várias perspectivas no estudo da textualidade.

De acordo com Kabatek (2006), em um primeiro momento considerou-se a textualidade a partir dos elementos linguísticos específicos de cada texto (elementos sintáticos e lexicais). Já em um segundo momento, a textualidade era descrita em termos de seu conteúdo temático e padrões gerais (textos descritivos, técnicos, etc.). A investigação do texto em seu contexto situacional, segundo o autor, constituiu o terceiro momento nos estudos da textualidade. O quarto momento, por sua vez, caracteriza-se pela abordagem do texto a partir da sua função ou finalidade comunicativa. A essa perspectiva teórica, conforme assinala Kabatek (2006), aliam-se outros estudos, tais como a linguística variacional e a pragmática, dando origem a um novo modelo nos estudos do texto, o modelo das Tradições Discursivas (doravante TD).

Conforme explicita Kabatek (2006), em 1983, Brigitte Schlieben-Lange, ao aliar aspectos da sociolinguística e da pragmática à teoria de Coseriu, propôs a abordagem de uma “Pragmática Histórica”, cujo objetivo era relacionar a discussão sobre oralidade e “escrituralidade” a uma visão histórica, oferecendo assim o fundamento para o estudo das TD. A partir desse momento, conforme relata Kabatek (2006), o conceito aplicou-se a diversos estudos linguísticos e, atualmente, vem sendo ampliado e reformulado nos trabalhos de pesquisadores como Peter Koch (1997) e Wulf Oesterreicher (1997), os quais definem a noção de TD a partir da reduplicação do nível histórico postulado por Coseriu (1981).

O conceito de TD, conforme assinala Kabatek (2006), tem sua gênese na linguística alemã, especificamente, nos estudos linguísticos românicos, fortemente marcados pela tradição de ensino de Eugenio Coseriu. A distinção dos três níveis da linguagem proposta por Coseriu (1981) é tida como fundamental para os romanistas

alemães e tem grande importância para a compreensão do conceito das TD. Trata-se do nível universal, histórico e individual.

O **nível universal** corresponde ao falar em geral, aos fenômenos que são comuns a todos os seres humanos em qualquer falar, independente do idioma. Nesse nível estão presentes todos os princípios gerais do pensamento e do conhecimento acerca das coisas presentes no mundo e seu funcionamento, anteriores ao que Kabatek (2006) denomina “diferenciação babélica das línguas”. O conteúdo correspondente a esse nível é a **designação**, isto é, a atribuição de signos a um mundo de objetos, a cada expressão linguística corresponde um estado de coisas real.

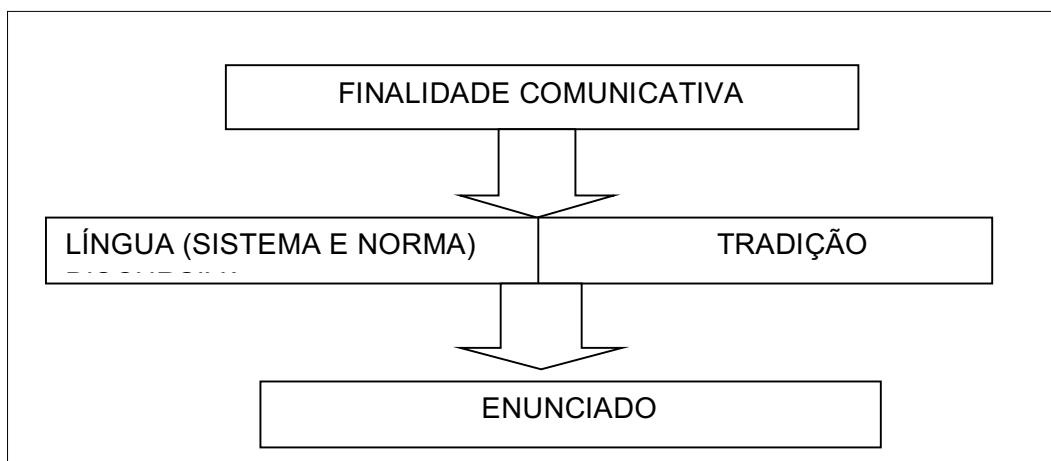
O **nível histórico**, por sua vez, compreende o nível das línguas enquanto sistemas de significação determinados historicamente. A esse nível pertence o significado como atividade histórica, uma vez que cada língua dispõe de estruturas gramaticais e lexicais próprias para a expressão de conteúdos nessa língua.

Por fim, o **nível individual** corresponde ao produto final da atividade do falar, o **texto**, enquanto um ato linguístico individual. O conteúdo presente nesse nível é o **sentido** ou a **função textual** que emerge da designação e significação bem como da situação e do contexto comunicativo.

Os três níveis, segundo Kabatek (2006), são concomitantes no momento do falar, uma vez que não se pode falar de modo universal sem falar uma língua específica e sem produzir textos. Não é possível falar uma língua enquanto sistema de signos sem que seja mediante a produção de textos. O autor ainda chama a atenção para a necessidade de separação desses níveis na investigação de um fenômeno linguístico concreto.

É, portanto, a partir do segundo nível coseriano que Koch (1997) e Oesterreicher (1997) propõem uma reformulação do conceito de TD, postulando uma reduplicação desse nível, no qual passariam a atuar dois fatores, a língua como sistema gramatical e lexical de uma língua, e as TD. Desse modo, “a atividade de falar, com uma finalidade comunicativa concreta, atravessaria dois filtros concomitantes até chegar ao produto do ato comunicativo ou enunciado: um primeiro filtro corresponde à língua e um segundo correspondente às tradições discursivas”

(KABATEK, 2006, p. 508). O esquema a seguir, adaptado de Kabatek ilustra o exposto acima.



Esquema 1 (adaptado de KABATEK, 2006, p. 508)

Kabatek (2006) destaca ainda que é necessário distinguir a historicidade particular da língua, que coincide com a historicidade do homem, da historicidade das TD, visto que, segundo afirma, as TD não compartilham a mesma historicidade das línguas. Em outro trabalho, em que trata especificamente sobre a questão da historicidade, Kabatek (2005) parte da distinção feita por Coseriu, segundo a qual há três tipos de historicidade: (i) Historicidade linguística *strictu senso* (historicidade da língua falada); (ii) Historicidade como tradição (i.e., recorrência de determinados textos ou de determinadas formações textuais); (iii) Historicidade genérica no sentido de uma “pertença à história”.

O primeiro tipo de historicidade diz respeito à história do próprio homem, uma vez que é por meio de uma língua particular que o homem constrói a sua história. Esse tipo de historicidade, de acordo com o autor, é condicionado por meio da alteridade, isto é, pela potencialidade inerente de ser transferida a outros.

O segundo tipo de historicidade está relacionado às manifestações culturais repetíveis, incluindo as manifestações linguísticas. No âmbito linguístico, trata-se de textos que estabelecem uma relação de tradição com outros textos, que pode se dar por meio da repetição de uma determinada finalidade textual ou de um determinado conteúdo, por um lado, e por outro, pela repetição de certos traços formais. Kabatek (2005) afirma ainda que a recorrência de formas textuais compreende uma escala

contínua que parte das marcações de tradições mínimas (um texto ainda não fixado), passando por uma organização formal contínua até atingir uma completa fixidez.

Já o terceiro tipo de historicidade diz respeito a acontecimentos irrepetíveis e individuais. Consiste no fato de que cada tipo de texto realizado se situa enquanto acontecimento em algum lugar historicamente. Esse terceiro tipo de historicidade é importante na medida em que cada texto particular é um modelo para outros textos, ou seja, é uma parte da tradição.

Como se pode observar, a historicidade das TD é definida em termos da **repetição**, isto é, da relação de tradição mantida entre os textos que faz com que determinados textos evoquem outros em virtude da repetição de elementos formais e de conteúdo. Desse modo, a repetição da fórmula introdutória **Era uma vez** situa um texto dentro da TD dos contos infantis, relacionando-o a todos os outros textos pertencentes a essa mesma tradição, na qual é comum os textos serem iniciados por essa fórmula. Assim, de acordo com Kabatek (2006, p. 512) entende-se por TD:

a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados.

Tendo em vista a definição acima, convém ressaltar um aspecto importante discutido pelo autor que diz respeito à complexidade das TD. Conforme afirma Kabatek (2006), o conceito de TD abrange todos os tipos de tradição de texto e não unicamente as tradições complexas. Nesse sentido uma saudação como “bom dia” é considerada uma TD, pois pertence a uma tradição em que o encontro com uma pessoa pela manhã evoca esse tipo de cumprimento presente em encontros anteriores em que a mesma saudação era emitida.

Kabatek (2006) chama a atenção ainda para o fato de que não se podem confundir as noções de gêneros textuais e de TD, pois, segundo esclarece, os gêneros textuais, embora também sejam considerados tradições de falar, nem todas as tradições de falar podem ser avaliadas como gêneros textuais. A discussão acerca da

distinção entre tipo, subtipo e gênero textual, de extrema importância para o trabalho aqui proposto, será desenvolvida mais adiante.

Toda a argumentação teórica acerca das TD desenvolvida nessa seção será fundamental para a análise dos textos presentes no *corpus* investigado, uma vez que possibilitará identificar em que medida as tradições discursivas instauradas por cada tipo de texto pode estar relacionada à ocorrência das PNVRA, objeto de estudo desse trabalho, que passa a ser detalhado na seção seguinte.

As predicções não-verbais reduzidas avaliativas encaixadas no verbo achar

São conhecidas e bastante investigadas na língua portuguesa orações complexas compostas de predicado matriz avaliativo ou modalizador no qual se encaixa uma oração na forma finita, como em “Acho [que é muito importante você ter o domínio sobre você]”. Ao presente artigo interessa a investigação do complexo oracional em que, em um predicado avaliativo estruturado pelo verbo *achar*, encaixa-se uma predicção não-verbal reduzida, estruturada por um predicador adjetival avaliativo sem recurso à cópula, como pode ser visto em (1):

- (1) eu acho [**interessante assim:: [a a pesquisa]**] (AC - 044)

Poucos são os trabalhos que se dedicam ao estudo de predicções não verbais, aquelas cujo predicador não é um verbo, mas um nome ou um adjetivo. Dentre esses, podemos mencionar a pesquisa desenvolvida por Fortilli (2007), em que a autora estudou as chamadas **predicções não-verbais**, do tipo mostrado em (2a), em que uma predicção se estrutura sem recurso a um predicador verbal e sem recurso à cópula, como mostra o contraste com parte estendida em (2b).

- (2) a. [Lindo] [seu cabelo!]
b. [É lindo] [seu cabelo]

A autora constata que predicções não-verbais livres (não encaixadas), como a mostrada em (2), são geralmente empregadas para expressar uma avaliação subjetiva (lindo) do falante acerca de um referente (seu cabelo). Parece-nos ainda que (2), por não manifestar a expressão de opinião que aparece em (1) (acho), é mais expressiva.

Vale observar que, nesse trabalho, a autora não considerou os casos de predicções não-verbais que ocorrem em posição argumental de uma predicção de nível mais alto, como demonstramos (1), em que uma predicção não verbal avaliativa (interessante assim a pesquisa) ocorre encaixada em um predicado matriz avaliativo, o verbo achar.

Esse tipo de construção mais “(inter)subjetivizada” (porque demanda a presença dos interlocutores) parece ter origem em estruturas completas de predicções não verbais plenas, tal como mostrado em (3a), de que (a') seria uma derivação:

- (3) a. eu acho que **[[a pesquisa] é interessante / é interessante [a pesquisa]]** (AC- 114)
 a'. eu acho **[[a pesquisa] interessante] / [interessante [a pesquisa]]**

Tendo em vista essa contextualização do fenômeno a ser investigado, neste trabalho, buscaremos mostrar em que medida o tipo de texto pode influenciar a ocorrência das PNVRA, procurando estabelecer se há ou não relação entre a frequência de ocorrência desse tipo de construção e o tipo de texto.

Diferenciação entre tipos, gêneros e subtipos textuais

Travaglia (2001), em seu artigo intitulado “Da distinção entre tipos, gêneros e subtipos textuais”, afirma que se observa uma diversidade de abordagens (literária, linguística, antropológica, psicológica, pedagógica), de teorias, de parâmetros e critérios que estabelecem as mais diferentes tipologias com diversos fins. Essa diversidade, de acordo com o autor, causa um “mal estar classificatório” que advém: (a) da inexistência de uma teoria tipológica geral que organize toda essa heterogeneidade linguística e (b) do encontro das diferentes abordagens e consequentes metalinguagens que, em geral, se utilizam dos mesmos termos para fazer referência a conceitos tipológicos diversos.

Segundo o autor, tendo em vista a notável confusão que se tem feito nas diferentes propostas tipológicas para os textos e as dificuldades acarretadas na construção, aplicação e comparação de tipologias, uma das tarefas que a Linguística Textual tem assumido está em diferenciar as várias espécies de textos, buscando propor uma tipologia adequada e precisa que seja capaz de lidar com as mais diversas

construções textuais existentes em nossa cultura. Travaglia (2002) assinala que o texto formulado para comunicar pertence sempre a um tipo, isto é, não se faz fora de um elemento tipológico, seja ele um tipo, subtipo e/ou gênero textual.

Também Marcuschi (2010) destaca a importância do estabelecimento de uma tipologia para o tratamento dos textos, visto que, para ele, a comunicação verbal só é possível por meio de gêneros textuais, concepção que está atrelada a uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva. Assim, de acordo com o autor, os gêneros constituem-se como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo. Nesse sentido, contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas. Conforme explica Marcuschi (2010, p. 19), apesar do seu papel fundamental nas relações humanas, “os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos”.

Fato que comprova a afirmação do autor está na história do surgimento dos gêneros que, segundo ele, está atrelada às necessidades e atividades sócio-culturais bem como às inovações tecnológicas. Marcuschi (2010) assinala que não são as tecnologias por elas próprias que originam os gêneros, mas o uso que se faz delas e as interferências delas nas atividades comunicativas.

Ao se tratar de gêneros textuais, o autor considera pertinente e relevante a distinção terminológica entre **tipo textual** e **gênero textual**. Para ele, a expressão **tipo textual** é utilizada para designar uma espécie de construção teórica definida pela **natureza linguística** de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem as cinco categorias conhecidas como narração, argumentação, descrição, exposição, injunção.

Já a expressão **gênero textual** é empregada em referência aos **textos materializados** encontrados na vida cotidiana e que apresentam **características sócio-comunicativas** definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Ao contrário do que se observa para os tipos textuais que se restringem a cinco modalidades, há uma grande quantidade de gêneros textuais.

Travaglia (2001) também propõe uma distinção terminológica entre tipo textual e gênero textual, acrescentando a essa tipologia a noção de subtipo textual. Para esse autor, o **tipo textual** pode ser identificado e caracterizado por instaurar um

modo de interação, uma maneira de interlocução. Há, conforme explica o autor, cinco perspectivas que estabeleceram tipologias diferentes para os textos, dentre as quais uma se mostra relevante para o presente trabalho: a perspectiva do produtor do texto em relação ao objeto de dizer. Essa perspectiva propõe a existência dos seguintes tipos textuais: descrição, dissertação, injunção e narração.

Segundo Travaglia (2002, 2007a), na **descrição**, o produtor do texto coloca-se na perspectiva do espaço em seu conhecimento, o que o leva a caracterizar esse espaço, escolhendo informações apropriadas a esse fim, tais como localização, características e elementos constitutivos do objeto da descrição, etc. A descrição, de acordo com o autor, pode ser objetiva, quando predomina a caracterização de determinado objeto ou espaço sem a interferência do estado emocional, afetivo, psicológico do falante; e subjetiva, quando há as informações características do texto descritivo fundidas à expressão dos sentimentos, da afetividade e subjetividade daquele que fala.

Já na **narração** o produtor está situado na perspectiva do fazer ou acontecer inserido no tempo, o que o faz querer contar o que aconteceu, dizer os fatos, os acontecimentos, constituindo episódios ordenados no tempo do mundo real. Segundo Travaglia (2007a), as categorias essenciais da narração são a **complicação** e a **resolução**, mas há outras categorias, como: a **introdução**, na qual há o anúncio e/ou resumo da história, a **orientação**, em que há a descrição do cenário do fato narrado, a **trama**, dividida em complicação, resolução e resultado, os **comentários**, que podem ser do tipo avaliação, explicação e expectativa, e o **epílogo**, em que há o fecho ou a moral da história.

Por sua vez, na **dissertação** o produtor situa-se na perspectiva do conhecer, abstraindo do tempo e do espaço, o que o leva em busca da reflexão, explicação, avaliação, conceituação, exposição de ideias. As informações selecionadas nesse tipo de texto, conforme assinala o autor, são as entidades, as proposições sobre elas, as relações entre essas proposições, em especial as de condicionalidade, causa/consequência, de oposição (ou contrajunção), de adição (ou conjunção), de disjunção, de especificação, ampliação, exemplificação, comprovação, etc.

Por fim, na **injunção** o produtor está na perspectiva do fazer posterior ao tempo ou momento da enunciação e tem o objetivo de incitar à realização de uma

situação (ação, fato, fenômeno, estado, evento, etc.), requerendo-a ou desejando-a. Nesse caso, de acordo com o autor, a informação é sempre algo a ser feito e/ou como deve ser feito.

Essa discussão sobre os tipos textuais é importante para a pesquisa aqui proposta, haja vista que os textos a serem analisados apresentam características dos tipos textuais acima descritos. O banco de dados Iboruna, *corpus* utilizado nesse trabalho, comporta diferentes tipos de textos: narrativa de experiência pessoal (NE), narrativa recontada (NR), relato de opinião (RO), relato de procedimento (RP) e descrição (DE) cujas características serão analisadas a seguir.

A narrativa de experiência pessoal (NE), primeiro texto encontrado nos inquéritos do Iboruna, apresenta características do tipo textual narração na medida em que o informante relata algum acontecimento de sua vida. Trata-se de um texto narrativo cuja perspectiva assumida para a narração dos fatos é a própria vida do informante. A narrativa recontada (NR), por sua vez, também compartilha dos mesmos aspectos da narração. No entanto, nesse texto a perspectiva assumida pelo informante para o relato dos acontecimentos é exterior, ou seja, o informante relata um fato ou situação ocorrida com outra pessoa que não estava presente.

Já o relato de procedimento (RP) é um texto híbrido, que pode ser situado entre o tipo textual narração e o tipo textual injunção, uma vez que nesse texto o informante relata os procedimentos a serem seguidos para a realização de alguma tarefa, seja ela uma receita culinária ou algum procedimento ordenado. Desse modo, observa-se que há traços característicos da narração, pois o informante narra as ações a serem tomadas para a realização do procedimento, e traços característicos da injunção, uma vez que há a presença de instruções para que o procedimento relatado seja efetivado. Convém ressaltar que consideramos o relato de procedimento um texto mais narrativo do que injuntivo, porque o narrar se mostra mais forte nesse texto do que o incitar ou convencer o interlocutor a realizar o procedimento, aspecto fundamental do tipo textual injunção.

O texto descrição (DE), como a nomenclatura indica, apresenta aspectos do tipo textual descritivo, visto que nesse texto o informante descreve algum lugar que ele tenha visitado, o local onde mora ou trabalha, a casa de um amigo, etc.

Por fim, o relato de opinião (RO) apresenta-se como um texto que tem características do tipo textual dissertação, pois nesse texto o informante expõe as suas ideias em relação a vários aspectos da vida social e política, avaliando e argumentando em defesa do seu ponto de vista.

Além do tipo textual, Travaglia (2001) propõe também a categoria tipológica gênero textual. Segundo o autor, os **gêneros textuais** caracterizam-se pela **função social** que exercem. Assim, a notícia ou reportagem constitui um gênero, pois tem a função social específica de manter o interlocutor atualizado com os fatos acontecidos. O autor observa que as funções sociais, embora sejam pressentidas e vivenciadas, nem sempre são de fácil explicitação, o que requer uma análise mais atenta por parte do pesquisador.

O terceiro elemento tipológico de que trata Travaglia (2001) é o subtipo de texto. Segundo o autor, o **subtipo de texto** define-se e caracteriza-se por aspectos formais de estrutura e da superfície linguística e/ou por aspectos de conteúdo. Conforme explica, um tipo textual pode ter subtipos e gêneros textuais. Os gêneros de um tipo textual podem ser de um ou outro subtipo do tipo, a depender do caso. Os gêneros também podem ter subtipos.

Um exemplo dessas relações mencionado por Travaglia (2001) é o tipo textual narração. Esse tipo pode apresentar dois subtipos: (i) história (romance, conto, crônica, fábula, etc.) e (ii) não história (ata, notícia não história, etc.). O tipo narrativo, de acordo com o autor, também pode apresentar dois subtipos formais, em verso (epopéia, poema heróico, poema heróico-cômico, poema burlesco) e em prosa (romance, conto, crônica, fábula, etc.). O gênero romance, por sua vez, pode ter vários subtipos dados pelo conteúdo: romance histórico, psicológico, regionalista, indianista, fantástico, de ficção científica, de capa e espada, policial, erótico, etc.

Ainda a respeito das hierarquias existentes entre tipo, subtipo e gênero textual, Marcushi (2002) salienta que qualquer texto é tipologicamente variado e heterogêneo. Desse modo, o gênero textual carta pessoal, por exemplo, pode conter uma sequência descritiva, ao apresentar a descrição de um local, uma argumentação, pela presença de argumentos em favor de algo, uma narração, ao relatar algum acontecimento, e até mesmo uma sequência injuntiva, ao incitar o leitor da carta a realizar alguma ação de desejo do remetente.

Tendo em vista essa heterogeneidade tipológica inerente aos textos em geral, convém destacar que ela também está presente nos textos do Banco de dados Iboruna analisados nesse trabalho. Assim, os textos narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, relato de procedimento, descrição e relato de opinião são textos em que há o predomínio de sequências tipológicas, tais como a narração, a injunção, a descrição e a dissertação, porém não constituem textos puros, pois podem conter outras sequências além das predominantes.

Convém ressaltar ainda que, embora os textos do banco de dados já referido não constituam os tipos de textos tratados por Travaglia (2001, 2002, 2007a) nem gêneros textuais, conforme aborda Marcuschi (2010), por falta de uma nomenclatura mais adequada nos referiremos a esses textos como tipos, conscientes da classificação proposta por Travaglia e Marcuschi, pois entendemos que não são tipos de textos, mas sim textos em que predominam os tipos textuais narração, descrição, injunção e dissertação.

Metodologia

Nesse trabalho, a metodologia adotada consistiu em pesquisa no *corpus* do banco de dados Iboruna, de responsabilidade do Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), que, finalizado em 2007, compõe-se de amostras do português falado em São José do Rio Preto e seis cidades vizinhas.

O banco de dados Iboruna comporta dois tipos de amostra: uma primeira amostra de fala, a Amostra Censo, colhida de acordo com os critérios da Sociolinguística laboviana; e uma segunda, a Amostra de Interação, colhida em contextos interacionais livres, ou seja, sem o controle de qualquer variável, e de modo secreto. Na presente pesquisa, utilizamos apenas o primeiro tipo de amostra, a Amostra Censo, da qual selecionamos 38 inquéritos: AC-004, AC-005, AC-013, AC-016, AC-017, AC-020, AC-025, AC-026, AC-035, AC-036, AC-043, AC-044, AC-053, AC-056, AC-061, AC-062, AC-069, AC-072, AC-077, AC-080, AC-083, AC-086, AC-089, AC-090, AC-099, AC-100, AC-106, AC-109, AC-116, AC-117, AC-121, AC-126, AC-132, AC-133, AC-138, AC-140, AC-151, AC-152.

Embora não se trate de uma pesquisa sociolinguística, a composição dessa subamostra dos inquéritos da Amostra Censo do Banco de dados Iboruna procurou

manter um equilíbrio entre os informantes no que tange às variáveis sociais presentes no banco de dados mencionado. Para tanto, selecionou-se dois informantes, sendo um do sexo feminino e outro do sexo masculino, de cada nível de escolaridade (1º Ciclo do Ensino Fundamental, 2º Ciclo do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior), em cada uma das cinco faixas etárias (7 a 15 anos, 16 a 25 anos, 26 a 35 anos, 36 a 55 anos, e mais de 55 anos). Desconsiderou-se o fator renda social na composição da amostragem, dada a ausência de informantes de todas as faixas de renda social para todas as faixas etárias e níveis de escolaridade, o que poderia comprometer o equilíbrio que se buscava na organização dos dados.

Após a composição dessa subamostra, fizemos um levantamento dos tipos de textos nos quais mais ocorriam as PNVRA. Posteriormente a esse levantamento, procedemos a uma análise quantitativa dos dados colhidos, que foi levada a efeito por recurso ao programa estatístico Goldvarb. Destaca-se aqui a importância dos resultados numéricos para essa pesquisa, uma vez que o principal objetivo do trabalho era analisar como o tipo de texto pode estar relacionado à ocorrência das predicções investigadas. Com base nos resultados quantitativos e no aparato teórico que guia esse trabalho, procedemos então à análise dos dados obtidos, em busca de evidências textuais que pudessem justificar e corroborar os resultados alcançados quantitativamente.

Análises dos resultados

Nesta seção será realizada, em um primeiro momento, a análise quantitativa dos resultados, em que será apresentada a frequência de ocorrência, em níveis percentuais, das PNVRA nos cinco diferentes textos que compõem o Banco de dados Iboruna, *corpus* desse trabalho. Em um segundo momento, será apresentada a análise qualitativa dos resultados, por meio da qual se buscará, em conjunção com os resultados quantitativos, evidenciar em que medida os textos investigados e as Tradições Discursivas por eles instauradas podem influenciar a ocorrência da estrutura investigada.

A distribuição da frequência das PNVRA nos diferentes textos do Iboruna

Um dos objetivos desse trabalho era verificar, dentre os cinco tipos de textos existentes no Banco de dados Iboruna (narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição, relato de procedimento e relato de opinião), em qual tipo de texto ocorre com maior frequência a construção sob investigação, com o objetivo de verificar se o tipo de texto pode influenciar a ocorrência ou não da construção sob análise. Os resultados percentuais fornecidos pelo programa estatístico Goldvarb podem ser verificados na tabela que segue:

Tipo de Texto	Nº de ocorrências das PNVRA	(%)
Narrativa de experiência pessoal (NE)	6/53	11.3
Narrativa Recontada (NR)	10/53	18.9
Descrição (DE)	11/53	20.8
Relato de Procedimento (RP)	1/53	1.9
Relato de Opinião (RO)	25/53	47.2
TOTAL	53	100

Tabela 1
Distribuição da frequência das PNVRA nos cinco tipos textuais do Iboruna

Os dados numéricos acima descritos relevam que a nossa hipótese inicial foi comprovada, segundo a qual o texto relato de opinião (RO) seria mais favorável para a ocorrência das predicções analisadas. Das 53 ocorrências levantadas, quase metade delas (47, 2%) está contida nos textos de relato de opinião, o que representa uma frequência bastante significativa. A alta frequência identificada para o relato de opinião justifica-se pelo fato de que nesse tipo de texto predomina a sequência tipológica dissertação, em que há a exposição e avaliação de ideias pelo informante, o que favorece a ocorrência das PNVRA, uma vez que são empregadas para a expressão de uma avaliação subjetiva do falante acerca de um referente sobre o qual está tratando.

Já para os tipos de texto narrativa de experiência pessoal (NE) e narrativa recontada (NR), verificou-se que não houve uma diferença significativa no emprego das PNVRA. Tais resultados evidenciam que a diferenciação estabelecida no Banco de dados Iboruna entre narrativa de experiência pessoal e narrativa recontada não é totalmente relevante para a ocorrência das PNVRA, uma vez que o que determina a

sua ocorrência não é o fato de a história narrada ser do próprio falante ou de uma terceira pessoa, mas sim de ser uma narração em que o falante insere comentários avaliativos ou julgamentos acerca dos fatos que estão sendo contados.

Um resultado que despertou atenção foi a porcentagem obtida para o tipo de texto descrição (DE), o qual apresentou 20, 8% do total de ocorrências encontradas. Esse percentual surpreendeu em um primeiro momento, porém, após análise mais atenta dos textos, verificou-se que, nos textos descritivos do Banco de dados Iboruna, as descrições feitas pelos informantes não são apenas objetivas, isto é, não se limitam à descrição das características do espaço, mas são também subjetivas na medida em que há a expressão da subjetividade do falante em relação ao que está sendo descrito. Essa característica dos textos descritivos analisados favorece a ocorrência das PNVRA, o que justifica o percentual encontrado.

Por fim, o texto relato de procedimento não se mostrou produtivo para a ocorrência das PNVRA. Esse resultado pode ser explicado pela natureza do tipo de texto injuntivo que predomina nos textos de relato de procedimento, cuja característica principal é incitar o interlocutor à realização de alguma ação, receita, etc; o que não favorece a ocorrência de uma avaliação do falante por meio de uma construção como a PNVRA.

Conforme se observou nos resultados percentuais obtidos, o tipo de texto é um fator relevante para o estudo das PNVRA, visto que esse fenômeno linguístico é mais frequente em textos nos quais o falante tem de expressar o seu posicionamento diante do que é dito, como o relato de opinião no qual predomina a exposição de ideias.

As TD instauradas pelos cinco textos e sua relação com as PNVRA

Por meio da análise feita em cada texto investigado, constatou-se que são estabelecidas TD no que diz respeito às perguntas (diretas ou indiretas) utilizadas pelos documentadores para fazer com que os informantes produzam os seus textos. Em cada um dos cinco tipos de textos existentes no Banco de dados Iboruna, há a repetição das mesmas perguntas, o que acaba caracterizando cada tipo de texto e instaurando uma tradição dentro do próprio *corpus*. Desse modo, considera-se que essas perguntas não são apenas resultado das decisões dos pesquisadores

envolvidos na criação do banco de dados, a fim de garantir uma maior objetividade e equilíbrio nos textos produzidos pelos informantes, mas são também TD na medida em que levam os falantes a produzirem textos que, embora sejam diferentes em termos de conteúdo, compartilham das mesmas características.

Assim, a narrativa de experiência pessoal sempre é iniciada com a seguinte pergunta: “Eu gostaria que você me contasse uma história que tenha acontecido com você, que você tenha achado engraçada, ou triste, ou constrangedora”, que leva o informante a produzir uma narração sobre algum fato de sua vida. Já a narrativa recontada inicia-se com a pergunta-base: “Eu gostaria que você me contasse uma história que tenha ocorrido com alguém que você conheça, que tenha sido interessante, alegre ou triste”, a qual faz com que o falante produza uma narração sobre um fato ocorrido com outra pessoa. Na descrição, a pergunta empregada pelo documentador é a seguinte: “Descreva, diga como é o local onde você mais gosta de ficar, passear ou brincar”. No relato de procedimento, a pergunta-base utilizada é: “Você sabe fazer alguma coisa? O quê? Conte como se faz isso. E no relato de opinião, o documentador faz a seguinte pergunta ao informante: “O que você pensa /acha sobre/de algum assunto?”.

Destaca-se aqui a relevância dessas perguntas, pois se verificou que algumas delas foram importantes para a ocorrência das PNVRA, principalmente nos textos de relato de opinião, como pode ser visto no seguinte excerto:

(6) Doc.: e::... bom... vamo(s) falá(r) um po(u)co da cidade agora...
 quê que cê acha de Rio Pre::to?
 Inf.: BOM **eu acho ELA boa** né?... é uma cidade bo::a tranqüi::la...
 só o trânsito que é meio ruim né?... que os::... que a maioria dos
 motorista não respeita aqui... E:: eu acho que::... só isso... que eu acho
 da minha cidade (AC - 013, 160,RO)

Como pode ser visto no trecho acima, as perguntas são direcionadas aos falantes exigindo um posicionamento ou uma avaliação deles acerca de alguma pessoa, celebridade ou até mesmo um local. A presença do verbo achar já na própria pergunta feita pelo documentador é uma evidência linguística que leva o informante a produzir uma resposta como o mesmo verbo, utilizando-se para isso das PNVRA. Observou-se ainda que a frequência do verbo achar, independente da construção em que apareça, é muito grande nos relatos de opinião. Essa alta incidência do verbo em

questão pode ser mais um fator que leva o falante a utilizar uma predicação não-verbal encaixada nesse tipo de verbo.

No que respeita às narrativas analisadas, constatou-se que a ocorrência das PNVRA se dá em momentos da narração nos quais o falante quer expressar seu posicionamento diante do que está sendo relatado. Segundo Travaglia (2007a), a narração, além dos elementos essenciais como a **complicação** e a **resolução**, também é constituída de partes nas quais há o **comentário**, que podem ser do tipo avaliação, explicação e expectativa. Conforme se observa, a categoria comentário, do tipo avaliação, presente nas narrativas analisadas favoreceu a ocorrência das PNVRA que podem ocorrer quando o falante quer fazer uma avaliação da história como um todo, seja no início ou final da narrativa, conforme pode ser visto em (7), ou sobre um fato específico que está sendo narrado.

(7) Inf.: na verdade... éh:: uma cole/ uma::... colega de trabalho me contô(u)... essa história... só que num num foi assim algo que aconteceu aGOra... né? ela/ a gente tava falan(d)o sobre religião em si... e:: inclusive na sala de aula a gente éh ainda (inint.) comentá(r) sobre isso... e:: e a gente tava falan(d)o em especial sobre o filme:: *Código da Vinci*... aí eu falei que:: eu num ia assití(r) aquele filme::... porque ele é assim ele é assado né? e ela começô(u) falá(r)... – “se você acha que ele é assim cê imagina esse o(u)tro” – aí começô(u) contá(r)... DEsse filme... que:: éh:: NESse filme que ela... eu não me lembro não recordo o nome... éh:: o PRÓprio Jesus Cristo nesse filme ele teve relações sexuais com marida/ Maria Madalena... diz que se chamava:: A *última tentação de Cristo*... aonde ela/ ele (a)cabô(u) caindo na tentação né? se desviando da/ da situação em si... e:: **eu achei assim muito... exagerada essa história** [...] (AC - 026, 90, NR)

Como pode ser observado, ao atender à necessidade do falante de expor a sua opinião sobre o que é dito, as PNVRA não fazem parte da linha principal do texto, mas fornecem informações adicionais que tornam a comunicação mais dinâmica e motivam uma atenção maior por parte do ouvinte ao que está sendo dito.

Com relação às descrições presentes no corpus analisado, verificou-se que as PNVRA apareceram com relativa frequência nesse tipo de texto, atuando principalmente nas descrições subjetivas, na medida em que eram empregadas para expressarem a atitude do falante acerca do referente descrito, como pode ser constatado no excerto (8).

Conforme foi salientado na seção anterior, a frequência de PNVRA encontrada no *corpus* analisado chamou atenção para o fato de que, nos textos descritivos do Banco de dados Iboruna, não há apenas a descrição objetiva do local onde o falante mais gosta de ficar, mas também há a descrição subjetiva, que permite ao falante emitir um julgamento sobre o local descrito. Nesse sentido, para a expressão de sua avaliação o falante recorre, algumas vezes, ao emprego de uma construção do tipo aqui investigado. Constata-se, portanto, que os textos descritivos também foram favoráveis à ocorrência das PNVRA, em virtude da TD neles instauradas, haja vista que em uma descrição pode haver a expressão da subjetividade do falante em relação ao que é descrito.

(8) Doc.: A... eu gostaria que você:: me descreve::sse algum lugar assim que você foi:: que você achô(u) boni::to... num precisa sê(r) algum lugar... bonito pode sê(r) algum lugar feio também ((risos)) [Inf.: uhum ((concordando))] que você tenha i::do e que gostaria de descrevê(r) pra gente
 Inf.: bem... eu gostaria de começá::(r) assim a descrevê::(r) a cidade onde que eu moro né? São José do Rio Preto né?... **acho a cidade de São José do Rio Preto muito bonita** assim né?... a parte da repre::sa... né?... **acho::... bonito também assim a parte::... das avenidas** né? que a gente tem... a avenida Bady Bassi::tt... tem... ali a Andaló tam(b)ém né?... a parte do shopping ali:: (AC - 069, 42, 143, DE)

Já no que diz respeito ao tipo de texto relato de procedimento, foi identificada apenas uma ocorrência de PNVRA, que é apresentada em (9). O baixo índice desse tipo de predicação nos relatos de procedimento pode ser explicado pelas TD neles presentes, visto que nesse tipo de texto prevalece a sequência tipológica injuntiva, segundo a qual o falante tenta convencer ou incitar o seu ouvinte a realizar o procedimento descrito, o que não favorece a expressão de opinião por meio das PNVRA. Convém ressaltar que podem ser encontrados comentários avaliativos nesses textos, porém não com a estrutura das predicções investigadas nesse trabalho. Nesse caso, quando há a avaliação, o que raramente ocorre, os falantes utilizam construções predicativas do tipo: é simples, é melhor, é mais fácil, fica mais gostoso, etc.

(9) cê sabe que é o:: copo de leite que diferencia o bolo da torta...
 [Doc.: ah é?] cê num sabia disso?
 Doc.: não

Inf.: se você coloca o leite frio... ele é bolo... se você coloca o leite quente... ele é torta...

Doc.: ah é?

Inf.: é... eu num sabia disso tam(b)ém ((risos)) aprendi... então depois você bate mistura tudo bem misturadinho... unta a forma e bota no forno... eu só faço esse aí pra festa [Doc.: certo] **eu acho bem mais gostoso levinha a massa** (AC - 100, 271, RP)

Após analisar o comportamento das PNVRA nos cinco diferentes textos investigados, ressalta-se que, embora a frequência tenha sido diferente em cada texto, a função das PNVRA em todos os textos é a mesma, qual seja, de permitir a expressão da atitude do falante com relação ao que está sendo dito. Desse modo, observou-se que esse tipo de construção exerce a função de Fundo nos textos em que estão inseridas, na medida em que acrescenta comentários avaliativos sobre o conteúdo da fala sem, contudo, contribuir categoricamente para a meta comunicativa do falante. Entretanto, convém destacar que a função pragmática dessas construções é muito marcada pelo fato de veicularem uma informação que, ainda que não contribua para a linha discursiva principal, é de extrema importância para a informação pragmática do ouvinte, pois acrescenta atitudes do falante sobre o conteúdo da fala.

Considerações finais

Nesse artigo, levando em conta os pressupostos da Linguística Textual, especificamente o conceito de Tradições Discursivas, apresentou-se um estudo no qual o principal objetivo foi investigar se o tipo de texto estaria relacionado à ocorrência das PNVRA.

Pelos resultados obtidos, destaca-se que as TD instauradas em cada texto, ou seja, os modos tradicionais de construção de cada tipo de texto analisado, incluindo-se aqui até mesmo as perguntas feitas pelos documentadores, constituíram-se como fatores relevantes para ocorrência das PNVRA. No caso do relato de opinião, o predomínio da TD dissertação foi extremamente produtivo para a ocorrência das construções sob análise. Nos textos descritivos, a TD descrição subjetiva privilegiou também esse tipo de estrutura. Já nas narrativas, a TD instaurada pela presença da categoria **comentário**, do tipo avaliação, de que trata Travaglia (2007a), foi fundamental para a ocorrência das predicações analisadas, visto que, conforme destaca o autor, em uma narração podem existir comentários acerca dos fatos

narrados. Como pode ser visto, uma das construções utilizadas pelos falantes para efetuarem os comentários acerca dos fatos que estavam sendo relatados foi as PNVRA.

Por fim, ressalta-se aqui a importância da função pragmática exercida pelas PNVRA, haja vista que, embora não contribuam para a linha discursiva principal do texto, são de grande valor para a informação pragmática do ouvinte, na medida em que acrescentam ao discurso atitudes do falante sobre o que está sendo dito, tornando assim a comunicação mais dinâmica.

Referências

COSERIU, E. Creatividad y técnica lingüística: los tres niveles del lenguaje. In: _____. **Lecciones de lingüística general**. Madrid: Editorial Gredos, 1981. p.269-286.

FORTILLI, S. C. **As construções não-verbais no português falado no interior do Estado de São Paulo**. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

GONÇALVES, S. C. L. Banco de dados iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista, 2007. Disponível em <<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>>. Acesso em: set. 2011.

KABATEK, J. Sobre a historicidade de textos. Tradução de José da Silva Simões. In: **Linha d'água**. 17. São Paulo: USP/APLL, 2005.

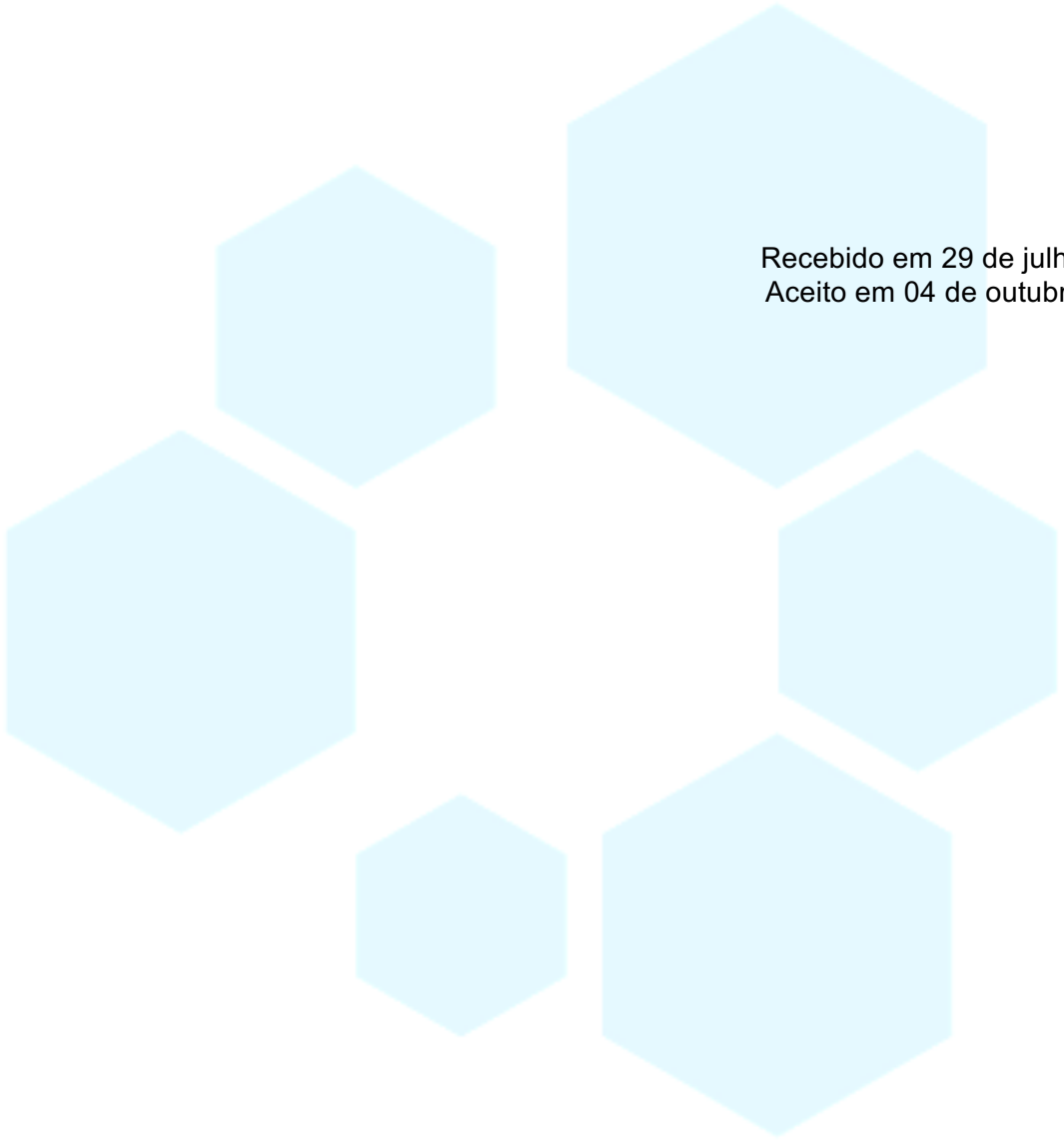
_____. Tradições discursivas e mudança lingüística. In: Tânia Lobo *et al.* (org.). **Para a História do Português Brasileiro VI**, Salvador: EDUFBA, 2006.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2010. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/61404180/Generos-textuais-definicao-e-funcionalidade-Luiz-Antonio-Marcuschi>>. Acesso em: 22 jan. 2016.

TRAVAGLIA, L.C. **Da distinção entre tipos, gêneros e subtipos de textos**. Estudos Linguísticos, vol. XXX. Marília, São Paulo, Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo/ Fundação de Ensino “Eurípedes Soares Rocha”, 2001, p.1-6. (revista publicada em CD-room: Artigo 200).

_____. **Composição tipológica de textos como atividade de formulação textual**. Revista do GELNE, v.4. n.1/2, p.29-34. 2002.

_____. **A caracterização de categorias de texto:** tipos, gêneros e espécies. 2007a. Disponível em: <seer.fclar.unesp.br/alfa/article/download/1426/1127>. Acesso: 22 jan. 2016.



Recebido em 29 de julho de 2016
Aceito em 04 de outubro de 2016